

DE QUE PEDAGOGIA NECESSITAMOS?...

TANIA M. K. RÖSING *

RESUMO

A preocupação em responder à indagação "De que pedagogia precisamos?" traz para o centro da reflexão o processo de construção do conhecimento e suas implicações na construção do indivíduo e na transformação da sociedade. Coloca em contraponto avanço tecnológico e procedimentos adotados pelos professores na atualidade: uma prática que não se sustenta teoricamente; que desconhece os interesses e as necessidades dos alunos; que desconsidera as determinações do meio e do momento histórico; que não se preocupa com a formação de sujeitos críticos.

DE QUE PEDAGOGIA NECESSITAMOS?...

Ao iniciar, neste evento, busco uma interlocução com GALEANO (1994), lendo o texto cujo título é **Janela sobre o Castigo**:

Era Natal, e um senhor suíço havia dado um relógio suíço de presente ao seu filho suíço.

O menino desmontou o relógio em cima de sua cama.

E estava brincando com os ponteiros, com a mola, com o vidro, a corda e as outras engrenagens quando o pai descobriu e deu-lhe uma tremenda surra.

* Professora do Departamento de Fundamentos Metodológicos da Faculdade de Educação e do Departamento de Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UPF. Doutora em Letras - PUC/RS.

Texto apresentado na abertura da Mostra de Iniciação Científica da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, em 13 de agosto de 1994.

Até então, Nicoli Rouan e seu irmão haviam sido inimigos. A partir daquele Natal, o primeiro Natal do qual ele se lembra, os dois foram amigos para sempre. Naquele dia Nicoli soube que ela também seria castigada, ao longo de seus anos, porque em vez de perguntar as horas aos relógios do mundo, perguntaria a eles como são por dentro (GALEANO, 1994, p. 294).

Quando a pergunta é: De que pedagogia precisamos?, o processo de construção do conhecimento precisa ser levado em consideração, precisa ser questionado, uma vez que, no contexto educacional, considera-se o professor como mediador desse processo na perspectiva do binômio professor-aluno.

Divulga-se à viva voz que o aluno sempre deve ser o sujeito de sua aprendizagem. Qual é o papel do professor nessa atividade?

Vive-se para conhecer. Entende-se, portanto, a pluridimensionalidade do conhecimento, a sua construção globalizante, não fragmentária, bem como o fato de o conhecimento humano corresponder ao conhecimento de um indivíduo que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Tomado por sua natureza física, o conhecimento humano é inseparável da ação, elaborando e utilizando estratégias para resolver os problemas emergentes da relatividade do saber.

Como qualquer atividade física, o conhecimento humano organiza em representações todas as informações que recebe e os dados de que dispõe. Mas, diferentemente de qualquer outro, o conhecimento humano produz correlativamente representações, discursos, idéias, mitos, teorias; dispõe do pensamento, atividade dialógica de concepção, e da consciência, atividade reflexiva do espírito sobre si mesmo e sobre as suas atividades; o pensamento e a consciência utilizam, necessariamente, um e outro, os dispositivos lingüístico-lógicos e estes são, ao mesmo tempo, de diferentes naturezas: física, espiritual e cultural.

Segundo MORIN (1986):

"o conhecimento pode emancipar-se relativamente numa vida humana, mas não se poderia libertar da vida; conhece-se para viver, depois, quando o conhecimento se emancipa, vive-se para conhecer" (MORIN, 1986, p. 192).

Apesar de não se poder separar do sujeito, o conhecimento objetivo está

presente em todas as sociedades humanas. A subjetividade humana, no entanto, também se faz presente por trás do conhecimento objetivo. Visa esta subjetividade não apenas a controlar e manipular as coisas, servindo-se do conhecimento objetivo, mas também anima-se pela paixão de conhecer e de buscar a verdade.

Pergunta-se: Como devemos encarar a pedagogia a partir dos questionamentos feitos acerca da caracterização do conhecimento?

Cabe aos indivíduos em geral conhecerem a realidade para buscarem compreender o sentido da mesma; procurarem entender as relações do homem com os outros homens, do homem com a natureza, do homem com o seu trabalho, do homem com o resultado do seu trabalho, do homem consigo mesmo.

Cabe ao professor conhecer a realidade dos seus alunos. Entende-se, nesse processo, que o conhecimento da realidade implica identificar necessidades e desejos, as causas dos mesmos e as suas relações com o meio e o momento histórico que se vive.

Urge, portanto, que as reflexões imprimidas pelo pedagogo não estejam em descompasso com as características do meio e do momento: as exigências da tecnologia imprimem uma rapidez às ações e uma alteração de conduta a partir das necessidades e dos desejos que hoje também se alteram rapidamente.

A competência do pedagogo está ligada à sua necessidade de conhecer a realidade e de respaldar a sua ação com pressupostos teóricos consistentes com vistas a entender o seu agir em função do seu compromisso com o educando de mediar a aquisição do conhecimento.

Aliando-se aos demais fatores que determinam o processo de transformação do indivíduo e da sociedade, o papel do educador deve ser também o de sensibilizar o educando para as modificações que o futuro lhe oferecerá.

O que se tem hoje é um processo educacional lento, cujas iniciativas têm sido arrastadas pelo avanço tecnológico. Não temos conseguido estar à frente das transformações que a educação, enquanto ato político, deveria imprimir ao indivíduo e à sociedade. Temos sido impotentes frente às determinações da classe dominante. Temos sido arrastados pelas determinações econômicas dos países que detêm o controle internacional. Temos sido olhados com desprezo pelo olhar da sociedade em geral, que não acredita em nossa competência.

Não temos conseguido revelar profissionalismo em nossas ações, uma vez que

temos agido intuitiva e espontaneamente, sem respaldar o nosso agir com pressupostos teóricos capazes de conduzi-lo a uma reflexão e ao conseqüente entendimento.

Não temos levado em consideração as necessidades e os desejos dos nossos clientes, os educandos.

Não conseguimos esconder que o nosso distanciamento de uma sociedade que passa a informatizar a quase totalidade de seus segmentos não se justifica pelo fato de sermos contrários ao avanço tecnológico, mas por sermos incompetentes em usar os recursos que a era dos computadores impõe às mais diferentes profissões.

Não temos conseguido revelar uma formação teórica sólida capaz de sustentar as necessidades de mudanças rápidas que o meio e o momento histórico têm imposto ao nosso cotidiano.

Não temos conseguido elaborar utopias que possam orientar as nossas ações em direção à transformação da sociedade.

É GALEANO (1994), mais uma vez, quem nos ajuda nessa reflexão quando abre uma **Janela sobre Utopia**:

"Ela está no horizonte - diz Fernando Birri. - Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar" (GALEANO, 1994, p. 310).

De que pedagogia necessitamos?

- de uma reflexão sobre o nosso agir respaldada por teorias consistentes;
- de transformações mais rápidas do nosso agir em função das necessidades e desejos dos nossos alunos, que são sujeitos situados num meio e num momento histórico determinados;
- de ações competentes, capazes de ajudar no processo de transformação do indivíduo e da sociedade onde todos possam ser mais felizes;
- de reflexões que considerem a realidade em sua dimensão globalizante, repleta de contradições, a partir de ações interdisciplinares capazes de revelar a pluridimensionalidade do mundo e da sociedade;
- de ações mediadoras objetivas no processo de aquisição do conhecimento dos

alunos, capazes de revelar a nossa profunda relação com o mundo dos livros, com as novas tecnologias, com a produção científica atual emergente no país e fora dele, no intuito de demonstrar que também nós somos sujeitos da construção de nosso conhecimento;

- de ações que imprimam nos alunos o nosso compromisso com os outros indivíduos, com a sociedade, com o meio ambiente, conosco mesmos.

Ao refletir sobre o papel da universidade brasileira, GADOTTI (1991) afirma:

"A relação universidade-sociedade é dialética: a universidade cria cultura para uma sociedade, mas ela é também fruto, reflexo de certas condições culturais que permitem o seu surgimento. Essa relação é particularmente evidente nos países de tradição autoritária como o nosso. O autoritarismo cria o dogmatismo, o conformismo, a inércia cultural, o obscurantismo. A universidade responde também no mesmo tom: inércia cultural, autoritarismo, dogmatismo e perde sua função básica, isto é, o seu papel crítico" (GADOTTI, 1991, p. 121).

Para reverter o quadro desalentador acima revelado, é o próprio GADOTTI (1991) que afirma:

"As armas dessa nova Universidade são, portanto, autonomia e participação. São as armas que poderão transformá-la de cúmplice da ordem classista num lugar habitável por todos e para todos. Resta, portanto, uma esperança para a Universidade que vem essencialmente da luta de seus trabalhadores: professores e alunos. Para que a universidade que sonhamos seja possível será necessário que contínuas conquistas se efetuem. Não esperar a mudança, mas caminhar em direção dela. Uma mudança qualitativa só será possível mediante esforços quantitativos constantes no sentido de organização das associações que lutam no interior da Universidade: centros, diretórios, associações de alunos, simpósios, seminários que sensibilizem e conscientizem o maior número possível. Esse espírito de debate e de crítica que anima uma universidade aberta e livre é condição para trans-

formá-la de um 'cemitério de vivos' como é atualmente numa das forças renovadoras da sociedade" (GADOTTI, 1991, p. 122).

Concordamos com Gadotti. A pedagogia de que necessitamos envolve exigência, participação, autonomia, reflexão crítica, profissionais cuja prática é resultante de um processo teórico consistente.

A pedagogia de que necessitamos deve preparar sujeitos pensantes que buscam sempre novos caminhos, de forma criativa e produtiva.

ABSTRACT

The worry in answering the question "What pedagogy do we need?", brings to the center of reflection the construction process of knowledge and its implications in the subject's construction and in the society's transformation. It puts together the technological progress and procedures adopted by the teachers, nowadays: the practice without theory, without considering the students' necessities, ignoring the determination of the milieu and of the historic moment; the ones that don't worry about the formation of critical subjects.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder** - Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.
- GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- MORIN, Edgar. **O Método**. O Conhecimento do conhecimento. Sintra. Publicações Europa - América, 1986.